

**ECOLOGIA**



Ivaldo Cavalcante 18.8.85

# Questão indígena sai do quintal

*Encontro dos Povos Indígenas atrai atenções internacionais*

Quem está pensando em fazer um piquenique no interior do Pará durante o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, a ser realizado em Altamira de 20 a 25 de fevereiro, pode cancelar a viagem. Os índios vão botar a boca no trombone, cobrando respostas e responsabilidades de alto nível, e o trombone agora é internacional. As queimadas que arrasaram mais de 200 mil quilômetros de floresta na Amazônia e o assassinato do seringueira Chico Mendes removeram a questão ecológica e a questão indígena definitivamente do quintal tupiniquim para projetá-las em um plano de repercussão internacional.

Entre outras, já confirmaram presença no encontro a Rai italiana, a BBC de Londres e as produtoras das TVs **Granada** e **Central**. No mínimo, 100 jornalistas cobrirão o evento. E para quem ainda não acredita aue internacional em torno da questão ambiental, o cantor Sting e a atriz Brigitte Bardot vão aterrissar na floresta para saber o que está acontecendo com o meio ambiente no Brasil. Os hotéis de Altamira não têm mais nenhuma vaga. Mais de 800 índios marcarão presença no encontro.

Os índios deverão se acomodar em uma espécie de aldeia improvisada nas proximidades de Altamira. Desde que o Banco Mundial passou a condicionar empréstimos ao Brasil a uma definição em relação à política ambiental, a questão ganhou uma dimensão econômica, política e pública internacional. A iniciativa de procurar o Banco Mundial partiu dos próprios índios brasileiros cansados de serem enrolados pelos discursos bonitos para encobrir realidades nem um pouco belas.

A preocupação central dos índios, principalmente dos índios Caiapós, durante o Encontro será cobrar das autoridades brasileiras, perante a atenção da mídia internacional, posições e esclarecimentos precisos sobre as ameaças de uma série de usinas projetadas em áreas ao longo do rio Xingu. Os índios ficaram sabendo das ameaças, representadas pelo ala-

gamento provocado pelas usinas, através da imprensa ou através de técnicos do próprio Banco Mundial: "Estas hidrelétricas seriam construídas de Altamira ao extremo Norte de Mato Grosso — comenta Marcos Terena, um dos coordenadores da União Nacional dos Povos Indígenas. Os índios ficaram preocupados diante do que ocorreu em casos de construção de outras Usinas". Tukurui foi feita em cima da terra dos índios Paracanãs. Balbina foi construída em cima da terra dos Gwalmiri-Atroari. Os técnicos do Banco Mundial explicaram a eles o que é uma barragem. Isto significa alagamento de várias aldeias indígenas, inclusive de aldeias que não têm qualquer contato com a civilização branca".

A partir daí a União das Nações Indígenas solicitou uma reunião técnica com a direção da Elettronorte e da Eletrobrás, cobrando esclarecimentos. Os técnicos das estatais vão falar e vão ouvir o que os índios têm a dizer durante o encontro. Mas o encontro acabou alcançando uma dimensão muito maior do que a de um evento onde está em jogo a questão indígena. Interessados na questão do meio ambiente no mundo inteiro estão de antena ligada em Altamira: "Os ecologistas estão simplesmente seguindo as pegadas do que os índios defendem e praticam há muito tempo comenta Terena. Os índios sempre respeitaram a terras. Pois eles sempre souberam que sem respeito ao meio ambiente a vida torna-se impossível no planeta".

O I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu se projetou na cena internacional sob a provocação de dois episódios: a quase expulsão dos índios Caiapós do Brasil e as denúncias do índio Davi Copenawa lanomami (que recebeu recentemente o Prêmio Global da ONU). Segundo Davi, as terras dos Yanomamis estão sendo demarcadas através de um retalhamento de 19 ilhas "como um chiqueiro".

Pressionados internamente por todos os lados, em meio a um nível de civilização de faroeste tupiniquim, os índios não tiveram outra alternativa a não ser apelar para a solidarie-

dade internacional, aproveitando o interesse despertado em cima das questões de meio ambiente em todo o planeta: "Esta jogada dos índios foi à la Pelé e Coutinho. Nós fizemos uma tabelinha com a comunidade internacional. Mas nós é que queremos marcar o gol. E isto obteve repercussão junto à comunidade internacional porque eles já passaram por um processo semelhante ao nosso: o da destruição da natureza em nome do progresso. Eles sabem o desastre que significa esta visão equivocada de progresso. E a análise lá é científica. E, a partir deste contato com a comunidade internacional, se tornou possível ao Banco Mundial realizar uma fiscalização mais rígida sobre as condições ambientais dos projetos econômicos no Brasil".

Antes da investida dos índios, as instituições internacionais solicitavam informações sobre as condições ambientais ao Governo brasileiro e este apresentava uma montanha de relatórios. E, como sempre, a realidade dos relatórios é a mais paradisíaca de todas. Tudo virou fumaça depois do escândalo planetário das queimadas na Amazônia. E daí surgiu a idéia de se criar a uma entidade para se avaliar o impacto ambiental com a participação das comunidades afetadas, dos cientistas e de autoridades do Governo.

O encontro será, também, o momento dos índios esclarecerem a nuvem de fumaça criada em torno da sugestão de se entregar a Amazônia para os gringos tomarem conta, tendo em vista a sua preservação ambiental, diante da incompetência e omissão das autoridades brasileiras. A posição tanto dos índios quanto dos movimentos ecológicos é de soberania do Brasil na questão da Amazônia: "Queremos levar à opinião pública a consciência de que são infundadas as especulações de que estamos defendendo a entrega da Amazônia para os bancos internacionais. O que existe é um entendimento dos índios de que o progresso não é apenas uma palavra indiscutível. Os projetos apresentados como de progresso econômico precisam ser analisados. É preciso saber como eles atingem a sociedade indígena. E é

preciso saber se eles beneficiam efetivamente à sociedade brasileira em geral".

Durante o encontro, os índios vão bater o pé na questão da demarcação das terras. O Governo tem alardeado, em uma série de propagandas, que nunca se demarcou tanta terra para os índios no Brasil. Se não houver efetivamente demarcação das terras indígenas é impossível se falar em qualquer política de meio ambiente sustenta Terena: "Basta lembrar o caso das aldeias afetadas por projetos como o Carajás e o Calhanorte. Os lanomami tiveram a sua terra retalhada em 19 ilhas. É preciso entender que o processo de demarcação tem três fases: a identificação da área, a demarcação e a homologação, ou seja, o reconhecimento efetivo da demarcação da terra".

Os índios estão confiantes na possibilidade de dar realmente uma virada, demonstrando a ligação estreita entre a demarcação e a preservação do meio ambiente. As queimadas na Amazônia e o assassinato de Chico Mendes tiveram um insólito desfecho, despertando uma grande onda de consciência coletiva em cima da questão da preservação do meio ambiente: "O que é meio ambiente? As pessoas estão começando a se indagar. Isto é muito importante. Porque os índios não querem entrar em uma onda de modismos. O que está em jogo agora são as próprias condições de sobrevivência no planeta".

Na visão indígena, a natureza não é um santuário intocável. Ela existe para ser utilizada pelo homem. O verde tem também os seus segredos, as suas plantas venenosas, as suas cobras perigosas: "Mas, na visão dos homens brancos a natureza é apenas algo a ser destruído em nome do progresso. Não sabe conviver com a floresta. Hoje em dia a gente se compo- sutores e escolas de samba cantando a destruição no pantanal ou as queimadas na Amazônia. Os índios não querem se transformar em sambaveredo. Nós não queremos virar sambaveredo das escolas de samba da próxima década". (S.F.)